



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LETRAS**

LUCIANA RACHEL LEITE BORBA

**A COLETIVIDADE NEGRA DAS MULHERES NO ROMANCE *NIKETCHE*: UMA
HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE**

Recife, 2019



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LETRAS**

LUCIANA RACHEL LEITE BORBA

**A COLETIVIDADE NEGRA DAS MULHERES NO ROMANCE *NIKETCHE*: UMA
HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Licenciatura em Letras, sob orientação da Prof. Dra. Sherry Morgana Justino de Almeida.

Recife, 2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LETRAS**

LUCIANA RACHEL LEITE BORBA

**A COLETIVIDADE NEGRA DAS MULHERES NO ROMANCE *NIKETCHE*: UMA
HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Licenciatura em Letras, sob orientação da Prof. Dra. Sherry Morgana Justino de Almeida.

Aprovação: _____ de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Renata Pimentel Teixeira.
UFRPE

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes.
UFRPE

Prof^a Dr^a Sherry Morgana Justino de Almeida.
UFRPE

Recife, 2019

A COLETIVIDADE NEGRA DAS MULHERES NO ROMANCE *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE¹

Luciana Rachel Leite Borba²

RESUMO: Este trabalho mostra o universo ficcional no qual vive Rami, no romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane (2002). Esta personagem questiona a falta que sente do marido, Tony, que para resolver as “coisas de homem” se evade do lar. Diante disso, Rami parte em busca de respostas para sua solidão. Ela começa uma jornada, levantando questionamentos sobre sua existência, sobre a condição da mulher dentro da sociedade em que vive ao descobrir semelhanças de vida entre ela e as amantes de seu marido. Nessas mulheres, Rami passa a enxergar a possibilidade de unir vozes femininas, deixando de lado o comportamento de rivalidade que a sociedade impõe às mulheres. As vozes dessas mulheres traídas, em uníssono, despertam nela e nas outras esposas de seu marido um sentimento de desobediência à cultura machista que vigora nessa narrativa. Ao se unirem, praticam a sororidade – aspecto relevante no movimento feminista. Mesmo que Chiziane não se considere parte desse movimento, sua obra fala por ela e por outras mulheres sobre temas que integram a pauta feminista. Para embasamento, foram utilizadas ideias do ativismo feminista negro norte americano com Bell Hooks (1981), estudos de Florentina Souza e Silva (2006) sobre a perspectiva do corpo negro marginalizado, Ana Cláudia Lemos Pacheco(2013) sobre a solidão da mulher negra, e em Octavio Paz(1984) também com as questões de solidão, e do papel construído para a mulher na sociedade. Jacimara Souza Santana (2009) que trata sobre o *lobolo* (casamento) em Moçambique também fará parte deste ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Coletividade negra. Feminino. Paulina Chiziane. Poligamia.

RESUMEN: Este trabajo muestra el universo ficcional en el cual vive Rami, en el romance *Niketche: una historia de poligamia*, de Paulina Chiziane (2002). Este personaje cuestiona la falta que siente de su marido Tony, para resolver “las cosas de hombre” y nunca está. Rami va en busca de respuestas para su soledad y empieza una jornada, levantando cuestionamientos sobre su existencia, sobre la condición de la mujer dentro de la sociedad en el cual vive y buscando soluciones para estos problemas al descubrir semejanzas entre su vida y la de las amantes de Tony, su marido. Rami pasa a visualizar la posibilidad de la unión de voces, dejando de al lado la rivalidad que la sociedad impone entre las mujeres, uniéndose a ellas. Al juntarse, pautándose en la sororidad – un aspecto de gran relevancia para el movimiento feminista – mismo que Paulina Chiziane no se considere parte de este movimiento, su obra habla por ella y por otras mujeres sobre temas que integran la pauta feminista. Para embasamiento de este ensayo, serán utilizados las ideas del activismo feminista negro norteamericano de Bell Hooks (1981). Los estudios de Florentina Souza e Silva (2006) sobre la perspectiva del cuerpo negro marginalizado, Ana Cláudia Lemos

¹ Ensaio escrito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sherry Morgana Justino de Almeida.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da UFRPE. E-mail: lrlb_1981@hotmail.com.

Pacheco (2013) sobre la soledad de la mujer negra, y en Octavio Paz(1984) también con las cuestiones de soledad del papel que se fue construyendo para la mujer en la sociedad. Jacimara Souza Santana (2009) que habla del *lobolo* (casamiento) en Mozambique también hará parte de este ensayo.

PALABRAS CLAVE: Colectividad negra. Femenino. Paulina Chiziane. Poligamia.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
2 O LOBOLO EM MOÇAMBIQUE	8
3 A SOLIDÃO DE RAMI	10
4 A BUSCA E OUTRAS FACES DO MESMO PROBLEMA	17
5 A SORORIDADE EM NIKETCHE	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A coletividade oferece força aos que lutam pelas mesmas causas; as pessoas, ao se unirem, são mais fortes. Historicamente, as mulheres precisaram se unir para ter seu valor demonstrado, independentemente da cultura na qual estão inseridas. Para que suas vozes sejam escutadas e seus direitos respeitados, é preciso que haja uma consciência da luta coletiva. Quando adentramos na narrativa do romance, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, vemos a transformação que se dá quando Rami, a personagem principal da história, sentindo-se sozinha, mesmo casada, parte em busca da solução para sua solidão e se depara com uma infinidade de anseios e tristezas iguais aos seus, nas vozes e vivências das amantes do seu marido, Tony. Em um mesmo país, onde há uma diversidade de rituais relacionados à conquista feminina, no sentido de “a fêmea que conquista o macho”, essas mulheres possuem, pelo menos, uma coisa em comum: são mulheres num meio patriarcal onde são consideradas objetos. Mulheres essas que representam a diversidade cultural de Moçambique e as dificuldades comuns que elas enfrentam nessa sociedade patriarcal.

Segundo Chiziane (2002), o nome do livro – *Niketche* – é o nome de uma dança onde as meninas aparecem de tangas e missangas e que despertam nos velhos as recordações de um amor que passou, e nos jovens uma urgência em amar. Essa referência aponta para como historicamente, em algumas culturas, o corpo da mulher é objetificado ao ser exposto, enfeitado, e despertar essas sensações nos homens, tanto velhos quanto jovens, sem levar em consideração todas as vozes dessas meninas, seus anseios e vontades. Nesta dança só existe a visualização do corpo feminino reafirmando um papel social de uma mulher-fêmea e não de uma mulher-social.

A jornada de Rami, assim como a de toda heroína, é tomada por descobertas. No romance, com muita agruras, ela vai descobrindo o papel social feminino. Paulina Chiziane não se considera uma escritora nem feminista. Contudo, sua obra literária e as ideologias que desvenda demonstram exatamente o contrário. Ela fez parte do movimento Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), porém, escolheu se afastar para escrever porque muitos avanços ‘legais’ foram conseguidos para as

mulheres. No entanto, culturalmente, ainda faltava muito para que essa igualdade fosse concreta, igual ao discursado na época. Então, a autora começa a escrever histórias que vê e que escuta para, assim, expor essa realidade através de seus livros. “Este romance se constitui de uma transposição de relatos orais, transmitidos numa atmosfera de cumplicidade e secretismo. Se quisermos recorrer a uma linguagem pouco ortodoxa e acadêmica, a “fofoca” deu origem ao romance!” (LOBO, 2006, p.79).

Em uma entrevista para a revista literária *Mahin*, em maio de 2019, ela diz que ser escritora, em sentido formal, é limitante para ela porque a colocaria em algum projeto literário, e isso não é de seu agrado, ela gosta de ser livre para escrever as coisas que observa, que vive e que escuta. E se fosse feminista, as feministas iriam olhar suas obras e opinariam para que algo de seus escritos fossem melhorados para que se enquadrasse no movimento feminista. Segundo Chiziane, ela escreve no feminino porque é mulher e está rodeada de mulheres e que tem consciência que seus livros não são capazes de mudar a sociedade, mas podem levar a uma reflexão sobre os assuntos que estão sendo abordados em suas “histórias”.

No decorrer do livro *Niketche*, percebemos que Rami pensa sobre seu papel de mulher, mas ao conhecer as outras amantes de Tony, seu marido, ela compara seu corpo com o das rivais e sofre: “E nesse questionamento, o corpo assume papel significativo, se não principal. Trazendo inscritos em si signos, histórias, verdades e sutilezas das experiências de vida, [...]” (SILVA, 2006, p.339).

Por outro lado, Rami encontra outras vozes dela mesma e se redescobre como mulher, se revolta com a forma como é tratada naquela sociedade que a subjuga, que a explora, e que a acorrenta somente por ser do sexo feminino.

Num mundo feito à imagem dos homens, a mulher é apenas um reflexo da vontade e do amor masculinos. Passiva, transforma-se em deusa, amada, ser que encarna os elementos estáveis e antigos do universo: a terra, mãe e virgem. Ativa, é sempre função, meio, canal. A feminidade nunca é um fim em si mesma, como é a hombridade (PAZ, 1984, p.36.)

Esses questionamentos mostram a evolução dos sentimentos da protagonista, as repostas que ela encontra e que a torna empática com suas rivais. Há um embate constante, durante a narrativa por parte de Rami, quando ela fica entre o que conhece da vida até aquele momento, que está “encaixada” nos padrões existentes para sua condição de mulher casada que deveria ter tudo, e principalmente o amor do seu homem, e o que ocorre quando vai encontrando-se com as suas “rivais” a ponto de

unir-se a elas para construir uma nova identidade que dê voz e vez às mulheres, e que elas se encontrem nesta sociedade como seres que não nasceram só para obedecer e procriar, mas também para se amar e se realizar como pessoa, humana, e não um objeto.

É através deste virar o olhar para dentro que Paulina nos leva às diversas paragens do tempo da história, não para descrever cenários exteriores, mas sim para pintar estados da alma e definir visões filosóficas sobre o ser. O que é a dor, o que é a mulher, para que serve o casamento, porque nasce o homem (ROSÁRIO, 2010, p.147.)

Com isso ela percebe que não merece o que a sociedade impõe, nem ela nem as “amantes de seu marido”. Ela fica cada vez mais longe do que foi feito da mulher negra: “Nós éramos a nova geração de mulheres negras que foram ensinadas a submeterem-se, a aceitarem a inferioridade sexual e a serem silenciadas.” (HOOKS, 1981, p.05.). Rami não quer que seu marido faça as coisas em segredo e aos poucos tudo vai sendo revelado.

2 O LOBOLO EM MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país com pouco tempo de independência, apenas 40 anos. Para a conquista dessa independência, aconteceram muitos conflitos, nos quais se envolveram vários grupos, dentre eles se destacou a Frente para a Libertação de Moçambique (FRELIMO). Essa frente foi a que assumiu o poder com a emancipação do país. E umas das causas pelas quais eles lutavam era pelo fim do *Lobolo*. *Lobolar* uma mulher significa, nessa cultura, pagar à família da noiva um valor, que pode ser em cabeças de boi, joias, dinheiro, e até bebidas, para que ela fizesse parte da família do noivo: seria para eles o casamento. A partir da independência de Moçambique, o *lobolo* foi condenado porque por causa dele, muitas meninas ainda na infância eram *loboladas*, e prometidas ainda na tenra idade nos acordos entre as famílias do noivo e da “noiva”.

Segundo a Unicef (2019), Moçambique tem uma das taxas mais elevadas de casamento prematuro no mundo. E somente em outubro de 2019, o presidente moçambicano, Filipe Nyusi, promulgou e mandou publicar a Lei de Prevenção e Combate às Uniões prematuras, aprovada em julho de 2019 pelo Parlamento. Essa lei não permite o casamento entre pessoas menores de 18 anos podendo receber

uma pena de até 12 anos e multa de até dois anos o adulto que se casar com uma criança.

No livro *Niketché*: uma história de poligamia, o *lobolo* é muito citado, principalmente no Sul de Moçambique, que é a região que mais pratica esse casamento e é de onde vem Rami, a protagonista.

Jacimara Souza Santana trata deste tema seu texto “Mulheres de Moçambique na Revista Tempo: o debate sobre o *lobolo* (casamento)”, discute as controvérsias desta prática do *lobolo* no cotidiano deste país, já enraizado culturalmente em algumas regiões, e o que a Lei exige de acordo com Santana (2009):

Essa prática era a forma de casamento reconhecida pela população, e por isso a mulher não *lobolada* era vítima de muitos constrangimentos, tanto por parte de outras mulheres quanto por parte da própria família, que não reconhecia o seu estatuto de casada”. (SANTANA, 2009, p.91.).

O *lobolo* não existe em algumas regiões do Norte. E o livro *Niketché* trata dessa diferença cultural, representando as mulheres de Tony do Norte como mais esclarecidas com relação à sua sexualidade, porque tiveram rituais de iniciação, enquanto as do Sul, eram *loboladas* e ensinadas a servir ao marido. Esse marido, para as mulheres do sul, constitui-se com a figura superior e confirmando a subserviência dessas mulheres para o alimento da cultura patriarcal. De acordo com Santana (2009, p.88), o *lobolo* era visto como uma forma de legitimar o casamento e uma prática inofensiva para outros, significava uma compra da mulher com fins de procriação e trabalho gratuito, devendo ser extinto mediante um processo de educação.

A FRELIMO queria acabar com essa prática, por considerar um abuso contra as mulheres e, principalmente, um abuso contra meninas ainda crianças, que são submetidas a esse tipo de casamento prematuro. Segundo Santana (2009):

O discurso da FRELIMO não foi muito diferente do pensamento da pequena burguesia negra e da Igreja durante o período colonial: a prática continuou sendo vista como uma forma de comprar mulheres e torná-las propriedades privadas dos maridos, que passavam a escravizá-las e explorá-las na sua capacidade produtora e reprodutora. À elas cabia a obrigação de sustentar a família, a responsabilidade do serviço doméstico e a geração de mais “mão de obra” (SANTANA, 2009, p.89).

Este debate é muito complexo, e mesmo com a Frente condenando o *lobolo*, essa prática continua existindo pois que se configura como uma tradição enraizada no país. Então, muitos casamentos passaram a obedecer a lei, mas permaneciam

com a tradição, porque para os moçambicanos o *lobolo* é também uma proteção da ancestralidade para os noivos. Como afirma Santana (2009):

O governo, visando a superação dessa forma de união, passou a incentivar o casamento civil fundando o Palácio dos Casamentos – onde deveriam se realizar as cerimônias do matrimônio –, assim como passou a apoiar realização de festas de casamentos coletivos. Segundo o novo código legal do país, o casamento civil garantia alguns direitos para as mulheres em caso de divórcio, como a guarda dos filhos com pensão paga pelo marido, o que não era possível na lei consuetudinária nem mesmo nas sociedades matrilineares, em que as mulheres tinham a guarda filial assegurada, mas era um dever da mãe assumir, sem o apoio do ex-marido (SANTANA, 2009, p.89).

Em muitas partes desse romance, Tony trata “suas mulheres” como sua propriedade, como seus objetos e principalmente depois que elas são *loboladas* por ele, em várias oportunidades ele deixa claro que elas o pertencem, como se realmente ele as tivesse comprado. E na ocasião de sua “falsa morte”, Rami, sua primeira mulher é *tchingada*, ou seja, um de seus irmãos assumem-na e assumem seus filhos. Acontece o ritual considerado como uma purificação sexual, oito dias após a sua viuvez, e a mulher passa a ser propriedade do cunhado. Mais uma questão do *lobolo* para ser discutida, porque a mulher é como uma propriedade herdada de um parente a outro, no caso do romance, Rami passou de irmão para irmão.

3 A SOLIDÃO DE RAMI

A personagem e narradora Rami já começa na narrativa se questionando sobre o porquê de apesar de viver “adequadamente”, ou seja, como sua cultura exige que ela seja e aja, nunca tem o seu marido por perto para resolver questões que a ele competem, e isso a faz sofrer. Também começam seus questionamentos para o papel que este homem, Tony, não exerce como deveria, e não poupando-lhe de muitas situações embaraçosas. Como observamos no fragmento a seguir:

Entro num delírio silencioso, profundo. Rajadas de ansiedade varrem-me os nervos como lâminas de vento. Este acidente enche-me de dor e de saudade. Meu Tony, onde andas tu? Por que me deixas só a resolver problemas de cada dia como mulher e como homem, quando tu andas por aí? (CHIZIANE, 2002, p.12.).

Este acidente de que Rami fala é um incidente causado por um de seus filhos: ele quebra o vidro do carro do vizinho, e ela mesma tenta resolver sem o marido, por isso não é levada a sério porque é apenas uma mulher. Como encontramos na

passagem CHIZIANE (2002, p.13) “(...) qual é o homem de bem que acredita nas palavras de uma mulher desesperada?”.

Seu homem não está para a família e ao tentar resolver sozinha, Rami não consegue, e isso a faz sofrer. Isso mostra uma sociedade onde estão divididos os papéis de homem e de mulher, apesar de ela sempre estar só, precisa ter a autoridade do marido em casa, presente, para resolver todos os problemas. Tony está sempre viajando, com a desculpa de seu trabalho, um alto posto de comandante do exército. E, mesmo sendo uma mulher que segue os padrões impostos socialmente a mulher, ela se sente desprotegida. Como podemos notar na seguinte passagem:

Há momentos na vida em que uma mulher se sente mais solta e desprotegida como um grão de poeira. Onde andas, meu Tony, que não te vejo nunca? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde? Sou uma mulher de bem, uma mulher casada. Uma revolta interior envenena todos os caminhos. Sinto vertigens. Muito fel na boca. Náuseas. Revolta. Impotência e desespero (CHIZIANE, 2002, p.12.).

Essa solidão leva a personagem a levantar questionamentos sobre sua vida de “mulher de bem e casada”, contudo fadada à solidão devido as muitas aventuras amorosas de seu marido. Inconformada, Rami parte em busca das respostas para seus questionamentos, achando que encontrará a resposta apenas se encontrando com a amante do marido. Ela se pergunta todo o tempo como apesar de estar dentro dos padrões, ainda assim não é agraciada com a sorte de ter o seu amor ao seu lado. Como vemos em Chiziane (2002) no amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor as armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão.

Rami está triste com sua solidão, seus questionamentos são doloridos, ela chora a ausência de Tony e em suas reflexões, ela já não pensa só nela, ela acha que são todas as mulheres que são um “exército derrotado” e que são fadadas à solidão. E que até as consideradas “corretas e de bem” pelo sistema patriarcal, como ela, vivem essa vida de sofrimento:

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei...Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nessa vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim sou a mulher mais infeliz do mundo (CHIZIANE, 2002, p.16.).

Essa perfeição que Rami apresenta é o que é exigido dela como mulher, seu papel nessa sociedade: a mulher que obedece ao marido, o espera chegar depois de vários dias ausentes, que aceita, que não é respeitada e muito menos amada. Ela se sacrificou por ele, deixou seus sonhos de lado para realizar os sonhos dele. Sua vida foi doada para o desenvolvimento do seu marido e, mesmo assim, ele não está presente, ele não a ama, nem lhe é grato. Ele a deixa abandonada, para resolver todas as questões de casa que, para ela, deveriam ser compartilhadas com ele. Como observamos no fragmento a seguir:

Um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHIZIANE, 2002, p.13.).

Dentro dessa sociedade patriarcal, dominadora, e que não dá voz e respeito às mulheres – mesmo sendo um direito social garantido e incontestável – ela sofre com o modelo que está estabelecido como a mulher sendo subserviente. E no próprio movimento negro que luta pela “Igualdade de direitos raciais”, ainda não existe espaço para a mulher negra que continua se submetendo ao homem. E por isso é importante que o movimento feminista negro ganhe espaço nas discussões acadêmicas.

Segundo Hooks:

Quando o movimento das mulheres estava no seu pico e as mulheres brancas rejeitaram o seu papel de criadoras, receptáculos de carga, de objeto sexual, as mulheres negras foram celebradas pela sua devoção únicas à tarefa maternal: pela sua “inata” habilidade em serem tremendas portadoras de carga, e pela sua sempre crescente e apta utilização como objeto sexual (HOOKS, 1981, p.08.).

Isso é perceptível em *Niketche*, quando vemos a mulher objetificada. Apesar de todos os seus esforços para estar dentro do padrão de mulher exigido em sua sociedade, Rami sente que não é valorizada. Ela se sente infeliz e sozinha. Quando começa a conversar com seu espelho - espelho esse no qual consegue enxergar a realidade que vive - ela começa a se dar conta que o problema não está nela, o problema está na sua condição de mulher, no papel que a mulher tem na sua sociedade: sociedade onde seu amor é descartado, sua individualidade de ser humano e seus direitos como mulher não são respeitados. Rami consegue perceber que não adianta seguir as regras e ter o comportamento “adequado” para a conjuntura, ser uma mulher “de bem” e respeitada, por ser casada de “papel passado”, pois isso

não é o que ela deseja, mas sim o que lhe impõem. Nesse espelho, ela se olha, se contempla, mas não se reconhece.

Como lemos na passagem a seguir:

Tento, com a minha mão, segurar a mão da minha companheira, para ir com ela na dança. Ela também me oferece a mão, mas não me consegue levar. Entre nós há uma barreira fria, gelada, vidrada. Fico angustiada e olho bem para ela. Aqueles olhos alegres têm os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão...ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas o teu poder? (CHIZIANE, 2002, p.17.).

Agora se pode sentir na personagem um despertar, Rami começa, através dessa conversa com o espelho, a se questionar sobre a situação que vive, e de como ela já foi um dia e começou a se perder a partir do momento que se casou. Como aponta Paz (1984, p.13) “A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência.”.

O seu casamento lhe roubou a alegria que tinha antes: a vontade de dançar, de viver sem tantas amarguras; o casamento infeliz lhe tirou a própria identidade. Rami começa a pensar em agir para mudar essa situação que vive, e que sente não merecer Chiziane (2002 p.20.): “Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para meu leito, hoje quero existir.” Então, ela começa a querer lutar pelo seu homem, porque percebe que por muito tempo foi passiva, e esse tempo para ela foi muito angustiante. Ela crê que o mais importante em sua vida é voltar a sentir que “seu homem” lhe ama. Ela se arma de coragem e vai em busca do seu marido em outra casa, com outra mulher, a Julieta:

Olho bem para minha rival. Na imagem desta mulher a morte do meu amor, a causa da minha dor. Por causa dela sofro em solidão. Ela enfeitiçou o meu homem para tirá-lo de mim. Mas eu não vou deixá-lo nos braços dela, não. Sinto uma carga de fel subindo pelas minhas entranhas. Vomito. A festa começa (CHIZIANE, 2002, p.23.).

Rami transfere todo o sentimento de solidão e perda do “seu homem” para a amante de Tony e quando chega na casa dela, elas brigam, usam da violência física, mas depois de entender toda a história de Julieta, Rami percebe que ela também foi enganada por seu esposo. Quando conversa com sua “rival”, percebe a dor que ela também sente em ser abandonada e de todas as promessas que esse homem fez

para ela. Ambas estão na solidão e isso faz Rami começar a sentir a dor dessa mulher, como se fosse sua própria dor.

Apesar de se sentir superior por ser a “primeira esposa”, descobre que seu marido também abandona a sua amante, cheia de filhos e assim como ela, vive um amor sofrido, sozinho e às duras penas. Mas, ainda assim, se sente melhor e com vantagens em relação à rival por ser “a mulher principal”:

Fico emocionada. Essa mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo e culpá-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração (CHIZIANE, 2002, p.28.).

Esses embates acontecem com todas as outras mulheres que Rami vai conhecendo, sempre começa com a raiva e termina com a empatia pelas situações de suas rivais, que são tão sós como ela. Em uma das vezes que tenta conversar com o marido sobre as traições, e que seria crime, Tony responde “- Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.”. (CHIZIANE, 2002, p.31).

Percebemos, no discurso de Tony, o machismo que constrói uma sociedade que licencia ao homem culpar a mulher por tudo. Como afirma Paz (1984, p.35.): “Prostituta, deusa, senhora, amante, a mulher transmite ou conserva, mas não cria, os valores e as energias que lhe confiam a natureza ou a sociedade”.

Com toda essa “escravidão social” ela não podia fazer muito a não ser tentar ter seu homem só para si. Mesmo descobrindo estas traições, Rami ainda acha que o erro está nela e não quer perder seu homem para essas mulheres, então começa a frequentar um curso de uma conselheira de amor, e descobre que não sabe nada que faça prender seu homem de verdade. Mesmo assim, ela quer ter seu marido de volta, ela vai em busca de mercadores de sorte, que prometem com coisas inóspitas que ela vai ter seu homem de volta, até que ela faz um ritual de magia, uma tatuagem que infecciona e a faz desistir de vez de usar estes artifícios para prender seu homem. Faz todo tipo de magia, até se mete em seitas, e não vê resultado.

Como notamos a partir da seguinte passagem:

Andei em brigas, escândalos, feitiços, escolas de sedução. Do amor o que ganhei eu? Nada! Chatices, só chatices. Enquanto me chateio o meu marido

não para de fazer das suas. Ele é como uma enguia nas águas revoltosas, nunca o consegui segurar.”. (CHIZIANE, 2002, p.69).

A solidão de Rami representa a solidão de todas as mulheres negras na sociedade, as oficiais ou não, que são vítimas de um sistema opressor que não trata a mulher com igualdade de direitos e sim sempre no papel subserviente, calada e “do lar”. Como aponta Paz:

O segredo deve acompanhar a mulher. Mas, a mulher não deve apenas se esconder, e sim, além disso, oferecer certa impassibilidade sorridente ao mundo exterior. Em face da corte erótica, deve ser "decente"; em face da adversidade, "sofrida". Em ambos os casos, sua resposta não é instintiva nem pessoal, mas sim de acordo com um modelo genérico. E este modelo, como no caso do macho, tende a ressaltar os aspectos defensivos e passivos, numa série que vai do pudor e a "decência" até o estoicismo, a resignação e a impassibilidade (PAZ,1984, p.36.).

A mulher tem um lugar de submissão a ela restando nada além do que servir e seguir essa tradição de obediência e medo por não ter espaço para desenvolver sua própria personalidade e independência. Quando vem uma reflexão do papel que precisa exercer para sobreviver, Rami sente “esse nada”. É mais uma comprovação da falta de espaço para ela, de seu lugar que não existe, no mundo:

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. A minha alma é a minha morada. Mas onde vive minha alma? Uma mulher sozinha é um grão de poeira no espaço, que o vento varre para cá e para lá, na purificação do mundo. Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome.// Não, não sou nada. Não existo em parte nenhuma. (CHIZIANE, 2002, p.92.).

A angústia de uma pessoa que sente medo de ficar na “rua da amargura”, caso pense em não participar do que lhe foi imposto simplesmente por nascer mulher. Quando chega a um sentimento tão forte de exclusão, de não pertencimento, Rami se sente presa às tradições e também em constante perigo de não existir, ou, de realmente não ser nada:

A periculosidade não está no instinto, mas sim em assumi-lo pessoalmente. Reaparece assim a ideia de passividade: deitada ou de pé, nua ou vestida, a mulher nunca é ela mesma. Manifestação indiferenciada da vida, é o canal do apetite cósmico. Neste sentido, não tem desejos próprios (PAZ,1984, p.36.).

Desejos que lhe foram negados, mesmo estando em obediência à sua cultura. Sua submissão ao marido por mais de vinte anos, calada, sofrendo, tendo que resolver todos os problemas em casa, cuidando dos filhos e tudo isso sozinha. Ela sofre por isso e não se sente merecedora desse sofrimento. Esse vazio que Tony lhe causa é uma dor muito grande para ela. Como vemos na seguinte passagem:

A solidão foi percebida como um sentimento negativo, um estado de coisas, uma alternativa, uma falta de escolha, uma estratégia, liberdade, infelicidade, ausência do “outro”, um “vazio”, uma individualização, uma realização coletiva; associada à dor, ao sofrimento, à rejeição, o corpo, à frustração, uma saída para a dominação (PACHECO,2013, p.305.).

Tony sabe o poder que exerce sobre sua esposa, porque ele foi criado para ser assim, para ele tudo era normal, como se fizesse parte de um sistema harmônico, no qual homens e mulheres têm seus papéis definidos. Ele, como provedor, ela como sua serva, seu objeto sexual e sua reprodutora.

Considerando que Rami é uma mulher negra, é necessário pensar que essa condição de submissão se torna ainda mais cruel e limitadora na sociedade. A mulher negra não obteve ganhos nas muitas lutas que foram travadas para a libertação dos escravos e também pela igualdade racial em Moçambique. Os homens negros se importavam em não serem inferiores por sua cor, isto é o lógico e correto, mas as mulheres negras dentro desse movimento não tiveram ganhos em igualdade sexista, continuaram sendo submissas ao homem. Embora Bell Hooks fale da condição da mulher negra dos Estados Unidos, ela retrata a mesma situação de Moçambique, porque mesmo depois da libertação de Portugal, já tardia, e de todos os ganhos “legais”, a mulher moçambicana continua no papel inferior. O que diz Bell Hooks sobre a luta dos negros nos Estados Unidos pode ser pensado também para a condição de homens e mulheres negras em Moçambique, guardada as diferenças histórico-culturais:

Ainda que as mulheres negras e os homens tenham igualmente lutado e bastante pela liberdade durante a escravatura na era da Reconstrução, os líderes negros mantiveram os valores patriarcais. Enquanto os homens negros avançaram em todas as esferas da vida americana, foram encorajando as mulheres negras em assumirem um papel mais subserviente. (HOOKS, 1981, p.06).

Rami não aceita que seu esposo fique longe por longos períodos, ela o quer por perto, porque como seu marido tem responsabilidades que foram feitas para ele, como defendê-la e aos filhos da hostilidade do mundo. E é nesse mundo que ela é um

ser frágil, sem a presença do homem. Como diz Paz (1984, p.14): “Despertar para a história significa adquirir consciência da nossa singularidade, momento de repouso reflexivo antes de nos entregarmos ao fazer”.

A mulher de Tony já não quer ficar na dúvida e decide ir atrás de respostas para sua solidão. Ela começa uma jornada de descobertas que vão lhe trazer muito sofrimento, muita dor, mas também muito aprendizado e uma grande transformação.

4 A BUSCA DE OUTRAS FACES DO MESMO PROBLEMA

Na descoberta de cada amante do seu marido, Rami também se encontra. Ela vê que elas são mulheres que, assim como ela, vivem numa sociedade onde não são valorizadas nem respeitadas; são subalternizadas, mas com as forças para serem sobreviventes de um universo injusto.

Quando descobre a primeira amante do seu marido, a Julieta, Rami percebe que esta mulher também sofre com a ausência de Tony. Ela sabe o que a outra mulher está passando, porque, assim como Julieta, ela sente na própria carne o abandono do homem amado. “[...] tenho pena da Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me.” (CHIZIANE, 2002, p.26).

Rami abarca a dor da rival, sente que não está sozinha em seu abandono. Seu marido também abandona a sua amante, cheia de filhos e assim como ela, vive um amor sofrido, sozinho e às duras penas. Mas, ainda assim, ela se sente superior e com vantagens em relação à rival por ser “a mulher principal”. E mesmo depois de ter apanhado de sua rival, de ter se apiedado da situação dela, de ter a certeza que o amor de seu marido não é mais só seu, e nem de Julieta, ela volta a conversar com seu espelho, que é seu inconsciente, e este lhe revela que ela ainda não resolveu sua situação dizendo: “Agrediste a vítima e não o vilão. Não resolveste nada.” (CHIZIANE, 2002, p.29). O espelho responde sempre a verdade, que dói, em Rami:

O espelho, normalmente, contradiz os nossos passos e obriga-nos a pôr os pés no chão, lembrando-nos os defeitos e as incapacidades. O espelho torna-se cruel porque diz a verdade. A protagonista Rami, sempre que desesperada, tentava a cumplicidade do espelho e este sempre lhe negou” (ROSÁRIO, 2010, p.147.).

A protagonista parte em busca da terceira mulher de seu marido, esta que o fez abandoná-la e abandonar Julieta. Ao conhecer a Luísa já entram num embate e vão parar presas na delegacia. Ela consegue se soltar e soltar Luísa, usando o nome do seu marido. “O meu marido é um grande comandante da polícia e ele manda em todos vocês. É o comandante António Tomás. O meu nome é Rosa Maria. (CHIZIANE, 2002, p.53).

Rami consegue se salvar da prisão, mas não deixa de admirar a beleza de Luísa, ela pede para a mesma deixar seu marido e vá se casar, e Luísa lhe explica que Tony é sua fonte de renda, e que não o vai deixar porque ela está com ele porque “ele gosta de mim. Eu gosto dele. Visita-me sempre que pode. Temos dois filhos” (CHIZIANE, 2002, p.56.). Pensamentos diferentes para a solidão, Luísa sabe que Tony é casado, mas não se importa. Para ela, ele exerce bem o seu papel, e mesmo ocupando a posição de amante, isso não a incomoda.

De acordo com Pacheco,

A solidão significou dor, sofrimento, abandono, realização, liberdade, escolha, alegria, satisfação, decepção, medo, felicidade, infelicidade, amor eterno, ilusão e preconceito. Todas essas categorias informadas pelo corpo/corporalidade mesclam-se a outras categorias: raça, classe, gênero, sexualidade, masculinidade, feminilidade, etnia, racismo, preconceito, cor, homens, mulheres, negros, brancos, pobres, meninos, meninas, violência, “bundão”, “corpão”, uma teia (PACHECO,2013, p.336.).

Nesse momento, Rami pensa sobre a beleza de Luísa, e se vê na beleza daquela mulher, pensa o quanto ela lhe é familiar, e percebe que Luísa tem o mesmo frescor dela, quando era mais jovem. Rami quer entender o que está acontecendo com sua vida. Como encontramos na seguinte passagem:

Penso tanto que acabo descobrindo. Muita coisa nela reflete a imagem daquilo que fui e já não sou. Ela tem todos os encantos que eu perdi. A simpatia que sinto por ela vem da aparência. Esta mulher é parecida comigo. O Tony buscou um novo amor no corpo antigo, e encontrou a minha imagem na imagem de outra mulher. Talvez ele tenha recuado à busca de si próprio para viver a ilusão da juventude perpétua, afinal os homens também envelhecem (CHIZIANE, 2002, p.60.).

Rami pensa na mudança do seu corpo, e percebe que Tony buscou em Luísa uma “versão sua” mais jovem, como para se reafirmar como homem, como macho, e entende que o motivo para ele buscar mulheres jovens e belas é para sentir que não está envelhecendo, para manter a aparência de virilidade, e se impor como um “macho alfa” apesar de também estar no processo natural de envelhecimento.

Sobre isso Silva (2006) afirma que:

Assim, teórica ou poeticamente, as mulheres demonstram a preocupação em apontar e questionar os papéis e lugares definidos para si, colocando-se como vozes autorizadas para falar de suas sensações e percepções – tendo em vista que as autoimagens estão fundamentadas nas experiências de dor, prazer ou desprazer que o corpo as obriga a sentir e pensar. O corpo é aqui principalmente espaço qualificado historicamente para a grafia e a leitura das experiências passadas e cotidianas, para a inscrição de sonhos e desejos (SILVA, 2006, p.340.).

Luísa é do norte, uma cultura diferente, que a mulher aprende diferente, mas sempre voltado para a melhor conquista do homem, são “melhores na cama”, as do sul são mais servis, estão sempre voltadas para o papel secundário em suas vidas, o papel de melhor ou pior servir, de melhor ou pior comportamento, de melhor ou pior maneira, mas sempre em relação ao homem, que está sempre acima, como num pedestal e superior.

Um senão, neste romance, a sua descoberta do norte e consequente paixão levaram-na a facilitar a visão sobre a nossa composição e valência etno-cultural. A mulher do norte vista demasiadamente eufórica e a do sul demasiadamente disfórica tal como está no romance é perfeitamente permitido no palco da ficção, mas falseia as referências culturais e antropológicas que servem de referência no universo romanescos. (ROSÁRIO, 2010, p.148/49).

Nessa relação social, homem e mulher, do norte ou do sul, sempre o papel da mulher é o de menor destaque. O homem é a “chave da felicidade” das mulheres na sociedade que Rami vive. Até nessa aula de amor que ela busca para ter seu homem só para si, a professora fala: “Não culpes as outras pelo teu insucesso. Como tu foram conquistadas e responderam aos apelos do corpo. Os desejos de um homem são desejos de Deus. Não se deve negar”. (CHIZIANE, 2002, p.40).

Homem do sul quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda, muthiana orera*. Porque sabe amar, sabe sorrir e sabe agradar. Mulher do norte quando vê homem do sul perde a cabeça porque tem muita garra e tem dinheiro. O homem do norte também se encanta com a mulher do sul porque é servil. A Mulher do sul encanta-se com o homem do norte, porque é mais suave, mas sensível, não agride. (CHIZIANE, 2002, p.38).

Muthiana orera é “mulher bonita”. Rami questiona esse papel feminino na diegese desse romance e sempre fala das culpas que elas carregam só por serem mulheres. Como um infortúnio nascer do sexo feminino, já que não existem benefícios na sociedade em ser mulher, porque todos os sentidos de maldade recaem sobre elas, e todas as virtudes nos homens.

[...] que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, que abortaram às

escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (CHIZIANE, 2002, p.38).

Quando ela escuta Luísa falando sobre as mulheres na sua região, acaba tendo mais certeza do que está descobrindo, que independente de sua região, a condição da mulher é de inferior. Essa jornada da primeira mulher de Tony a faz pensar e repensar o papel de todas as mulheres nessa sociedade. Na cultura de Luísa, é normal “compartilhar homens” e ela se sente sortuda em ter Tony, porque sua mãe teve vários filhos de outros homens e, assim como para sua mãe, para Luísa os homens são apenas uma fonte de renda e sustento. Em sua cultura, mulher é apenas uma mercadoria, ela compara o valor de uma mulher com o de um objeto. O homem está num patamar de um Deus.

Este é o discurso típico das mulheres da minha terra, onde o homem é rei, senhor da vida e do mundo. Um mundo onde a mulher é couro. Couro de touro macio e muito bem curtido. Um mundo onde a mulher é gêmea do tambor, pois ambas soltam acordes espirituais, quando aquecidas e matraqueadas por mãos vigorosas e rústicas. (CHIZIANE, 2002, p.57).

Em vários momentos do romance, a personagem principal, sem entender o porquê deste papel da mulher em sua sociedade, culpa Deus.

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma porque é que Deus nos colocou no mundo? (CHIZIANE, 2002, p.70).

Rami, depois de toda essa descoberta, naquele momento, considerou a importância de ter conhecido toda a vida amorosa de seu marido, fora de casa. E com a Luísa descobriu a Saly, e através de Saly, conheceu a Mauá. Em cada descoberta, seu corpo ia ficando com marcas, sua alma também já não era a mesma depois de tantas surpresas desagradáveis e de tantas brigas ao ir em busca do seu marido. Rami descobriu nessas mulheres, em suas histórias e em suas diferenças culturais, um pouco de si mesma. Cada uma delas tinha uma história de conquista e engano, por parte de Tony. Todas elas levavam consigo signos de um papel social inferior imposto pela cultura machista e patriarcal e ela se viu em cada história, mesmo sendo histórias distintas, reconhecendo-se, por terem em comum ser mulheres em um lugar onde estão silenciadas. Com isso, ela chega à conclusão de que “(...) O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso.” (CHIZIANE, 2002,

p.60). Todas essas mulheres, assim como a própria Rami, eram a face de uma mesma condição: a de subalternização da mulher numa sociedade machista e patriarcal.

5 A SORORIDADE EM NIKETCHE

Enquanto está no hospital, curando todas as feridas do corpo, de tanto apanhar de suas rivais, ela observa um casal e percebe que o homem maltrata sua mulher, mesmo estando o homem doente necessitando de cuidados, essa mulher o abandona e Rami vê naquela atitude da mulher uma ação de liberdade. Fica muito claro, para Rami, o papel da mulher nessa sociedade em que vive e fica clara também a prepotência masculina.

Aquela cena me encanta, me choca e me espanta. O corpo velho cai como fruta podre, mas a vaidade flutua no ar, como um balão a caminho das estrelas. Ele é apenas fogo de palha, na última chama. Ah, prepotência masculina. (CHIZIANE, 2002, p.62).

Em seguida, Rami é convidada por Luísa a uma festa de um dos filhos de Tony, ela aceita o convite, e vai à festa, toma uns copos de vinho e percebe a presença de um homem na festa e quando vai questionar a Luísa se é seu amante, Luísa o oferece para que durma com ela. Ela não resiste e gosta do que acontece, mas ao amanhecer sente vergonha e culpa, porque ela é casada e nunca havia traído seu marido, mas Luísa a contesta e manda ela parar de se sentir culpada porque para ela é normal compartilhar o amante e que Tony não era nenhum santo para que ela estivesse arrependida. Rami reluta, reclama, mas não resiste aos carinhos do Vito, agora seu amante, porque há muito não recebia este tipo de carícias do seu marido.

Lanço um olhar à volta e caio de novo no fundo do poço. O belo desconhecido está diante dos meus olhos. Fico volátil como uma folha seca, o fogo do corpo não me poupa, devora-me. Crepito, silvo, ardo. Tento de novo chamar a vergonha, mas não espero sinais do seu regresso. Sou eu a formiga prisioneira numa torre de mel, nada me faz recuar neste passo. (CHIZIANE, 2002, p.86).

Rami gosta da experiência que tem com Vito, o amante das duas agora, e ele a elogia, diz que gosta das duas e que não entendia o porquê de ela ser desprezada por Tony, sendo tão bela e nova. E tem sua admiração porque trata bem Luísa, apesar da mesma ser uma de suas rivais.

– Sei muitas coisas ao teu respeito. Admiro a tua coragem. És um caso raro. Eu acho que todas as mulheres deviam unir-se contra a tirania dos homens. Eu, se fosse mulher, faria isso. É aí onde está o teu ponto forte. No lugar de

fazer guerra estás aqui ao lado da tua rival. Tu és brava, mulher. (CHIZIANE, 2002, p.87).

Este encontro foi como se renovar para Rami, ela começa a enxergar tudo mais feliz e alegre. As suas voltas têm cheiros e cores e se sente transformada, apesar de um pouco incomodada, já que nunca tinha feito algo tão transgressor em sua vida.

Comecei a frequentar a casa da Lu. A partilhar segredos. O Vito passou a ser a sombra misteriosa perseguindo a sombra do meu ser. A lua que brilha na fresta da minha janela. Excelente amante polígamo (...). A minha consciência censurava-me, mas o meu corpo estava lá à hora combinada, absolutamente dependente daqueles encontros secretos como uma viciada em heroína. Por vezes me assalta o medo de ser descoberta. Quando o Tony der por mim, o manto da fidelidade estará roído até o ultimo fio. A moral é uma moeda. De um lado o pecado, de outro lado a virtude. Silêncio e segredo unidos, no equilíbrio do mundo (CHIZIANE, 2002, p.90/91).

Ela vai buscar ajuda explicando para sua situação em sua família e não tem apoio. Ela tem que aceitar a poligamia do seu marido, segundo a tradição. É um processo duro de reconhecimento do que pode ser sua vida na poligamia.

Viver na poligamia é ser enfeitiçada por mulheres gananciosas, que querem ficar com o marido só para elas. No lar polígamo há muitas rivalidades, feitiços, mexericos, envenenamentos até. Viver na poligamia é usar artimanhas, técnicas de sedução, bruxedos, intrigas, competir a vida inteira com outras mais belas, desgastar-se a vida inteira por um pedaço de amor.” (CHIZIANE, 2002, p.93/94).

Isso lhe causa temor porque não quer viver desse jeito. Mas seus pais não dizem nada. Sua mãe manda ela segurar seu marido porque senão será pior para ela. Seu pai fala que ela está reclamando, e que não deve questionar a tradição; que as mulheres de hoje em dia falam demais e reclamam demais. Sem o apoio da família ela chega a conclusão sobre esse pedido de ajuda que “Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças”. (CHIZIANE, 2002, p.103).

Rami não estava satisfeita com todas as coisas que ouvia, e também não achava justo viver nessa situação calada, sem agir. Então, ela marca uma reunião com as outras mulheres de Tony e se sente bem com isso. “De repente senti-me feliz. Realizada. Era bom, dirigir aquele encontro para mim que nunca tinha dirigido nada na vida.” (CHIZIANE, 2002, p.106). Rami se tornou uma líder para a conscientização daquelas mulheres, além de ser a primeira mulher ela também era a que conduzia os planos para incluí-las no “mundo”.

Assim, depois de delas ter levado valentes surras, ela consegue através de diálogos, argumentos convincentes e aparentes cedências, ascender à chefia

das cinco e com elas engendrar uma estratégia que leva a transformar a dor e as humilhações em fonte de inspiração para a luta e a alcançar alguns êxitos. (ROSÁRIO, 2010, p.146).

A partir daí, Rami começa a ouvir as histórias das rivais e percebe nelas as dores de todas as mulheres, ela encontra nelas um conforto porque sua situação já não parece tão ruim, por se tratar da esposa oficial e isto que lhe compete direitos que elas jamais terão. Mas Rami sente a dor de cada uma, e tem muita piedade porque também é mulher, e porque já sentiu muitas dores com a ausência do marido e também já refletiu que a mulher nessa sociedade não passa de um objeto sem valor e sem voz. E neste aspecto ela desperta nas mulheres do seu marido e nela também a sororidade. A sororidade é uma revolução que começa individualmente. Primeiro, é necessário que cada mulher torne-se consciente do que se é, do que se merece e do que não se está conseguindo em uma sociedade que, infelizmente, permanece marcadamente patriarcal. Mais tarde, essa consciência deve ser praticada no contato com outras mulheres que no dia a dia, apoiam-se, visualizam-se, valorizam-se para reconstruir a feminilidade fragmentada com o objetivo de fortalecer umas às outras.

Deixando de lado seu comportamento de rivalidade, Rami começou a praticar a sororidade com as amantes do seu marido; começou a se colocar no lugar delas, sentindo suas dores, e assim todas apoiando-se e ressignificando suas vidas sofridas. Rami quer ajudá-las a serem seres sociais, e, em uníssono elas passam pela “metamorfose”, saindo deste “casulo”, que são as presas sociais que pregam rivalidade entre as mulheres principalmente na sociedade patriarcal, e virando “lindas borboletas”, prontas para se libertarem desses paradigmas, que as prendem à conformidade da vida de servidão, em busca de voar para a “liberdade de se amar” e já não aceitar o que lhes é imposto.

Coloquei o dedo nas feridas da alma e espremi lamentos. Desencantos. Desabafos. Estas mulheres simbolizam a dor do mundo. Bebo as suas dores, os seus sentimentos. Elas tinham no peito uma flor e se deram por amor. Abriram o corpo, esse mágico labirinto, e deixaram germinar outras flores sem rega, nem pão, nem esperança. Sofro por essas crianças. A situação destas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal, nem familiar. As casas onde moram são propriedades do senhor, é ele quem paga as rendas no fim de cada mês. Podem expulsá-las quando entender, arremessá-las à pobreza total. Se ele morre não terão direito a nada, porque não constituem família de coisa nenhuma, são apenas satélite da família principal. (CHIZIANE, 2002, p.106).

E Rami decide que todas elas têm direitos e que devem ser legalizadas perante a família de Tony. Elas combinam como será a apresentação delas e ficam sem

acreditar na atitude de Rami. Mas apoiam e participam da construção dos detalhes. O grande dia será na festa que seu marido completará cinquenta anos de vida. Essa festa marca a reviravolta da narrativa do romance, e que a partir dela, tudo irá mudar, nada será feito em silêncio, pelo menos nesta família polígama, a sociedade vai conhecer o real tamanho da família de Tony em um dia marcante: o aniversário de Tony. As mulheres de Tony entram, uma por uma, vestidas iguais e seus filhos também, todos iguais “ovelhas do mesmo rebanho” (CHIZIANE, 2002, p. 109). Ao todo as cinco mulheres e dezesseis filhos.

– Querido Tony, feliz aniversário. Hoje, nós, tuas mulheres decidimos fazer-te esta surpresa. Como prova do amor que temos por ti, decidimos juntar-nos, para que sintas o palpitar dos nossos corações. Decidimos unir as cinco mulheres numa só. Sabemos o que sofres por nos amares: um dia cá e outro lá. Decidimos todas, em uníssono, homenagear-te com a nossa presença neste teu grande dia. (CHIZIANE, 2002, p.111).

Os convidados, muitos deles de importância na sociedade, disfarçam e saem com suas esposas, revelando a hipocrisia que reina na sociedade. Tony inventa uma desculpa e corre para a casa da mãe. Um momento de vergonha para este homem, porque ele não esperava que sua esposa preparasse tudo isso. Ele estava acostumado a manter as aparências de homem bem casado, mas Rami já estava cansada de mentiras e disposta a passar por tudo para que essas mulheres fossem reconhecidas. Embora também entre em conflito consigo mesma, sem saber o que ela ganhou com isso:

As minhas rivais entraram todas no paraíso, sim, entraram. De marginais passaram a gravitar dentro do cerco da família. De ignoradas e invisíveis passaram a conhecidas e visíveis. Podem a partir de hoje saudar os tios, os avôs dos filhos, sem nenhum receio. E eu, o que ganhei com esta farsa?” (CHIZIANE, 2002, p.112).

A sogra de Rami a chama, e a coloca como uma grande mulher por honrar os antepassados e por trazer a alegria de volta para ela, depois que descobriu que tem muitos netos. Mas Rami não sente-se feliz. Ao contrário, Rami sente-se perdida, sente que perdeu. Ela reafirmou uma cultura de poligamia, queria vingança e o que conseguiu foi o reconhecimento da sogra, o reconhecimento das rivais naquela sociedade. “A velha pensa em calor humano. No fim da solidão. Na alegria de ter a casa cheia de crianças para colorir seu mundo de tristeza. Nesta guerra ganhou minha sogra e as minhas rivais, porque eu, Rami, perdi a batalha”. (CHIZIANE, 2002, p. 116).

As mulheres de Tony começaram a exigir seus direitos, motivadas por Rami, para que não faltasse nada para elas e para as crianças.

Começou a procissão de mães e das crianças. O Tony já não aguentava, fugia deles. Rami, aguenta tu com essa gentalha. Aguentei com elas até onde pude, até que lhes disse: Isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão. (CHIZIANE, 2002, p. 117).

Rami começa a ajudar essas mulheres a desenvolverem o que sabem melhor fazer, deu uma ajuda inicial para cada uma, e assim os negócios foram crescendo. A primeira mulher de Tony fez uma sociedade com uma de suas antigas rivais, a Lu, com quem também dividia o amante. Em pouco tempo, essas mulheres prosperaram muito em seus negócios e descobriram que poderiam viver sem a ajuda financeira vinda totalmente de Tony.

Conseguimos ter um mínimo de segurança para comprar o pão, o sal e o sabão sem suportar humilhação de estender a mão e pedir esmola. As minhas rivais andam encantadas, e têm remorsos da sova que um dia me deram, mas eu digo: não tem importância. Foram coisas daquele tempo. O que queriam vocês que acontecesse? (CHIZIANE, 2002, p. 122).

Logo depois, as outras mulheres de Tony foram *loboladas*, e assim “culturalmente” ganharam seus direitos já que legalmente não era possível um homem se casar com várias mulheres, com o *lobolo* vieram as escalas conjugais, todas acertadas com as mais velhas da família que ensinavam como elas deveriam se comportar para atenderem seu homem.

Primeiro, consegue transformar a suas rivais de simples amantes em esposas em situação de poligamia. Depois, transforma uma a uma, de um estado de dependência econômica total em relação ao Tony, em, relativamente autônomas pequenas empresárias com negócios rentáveis. (ROSÁRIO, 2010, p.146).

A mulher era obrigada a sempre servir seu marido de joelhos, o homem deve comer as melhores partes da galinha, e se for carne, também os melhores bifés. Rami que é a “rainha” por ser a primeira mulher e a oficial, deve organizar todas as escalas e o andamento. Ela se submetia a tudo isso para não perder de estar perto de Tony. Foi uma maneira que ela encontrou para não perder seu marido.

Nas nossas tradições as mulheres não têm direito a voto; de resto na aristocracia não se vota, mas as mulheres adquirem algum estatuto. Só ganha estatuto aquela que sabe partilhar o marido, que ultrapassou o ciúme, que preserva os valores da tradição, que cumpre tudo o que a lei manda. Ganha muito mais prestígio aquela que sugere ao marido um novo casamento e ajuda a escolher a nova esposa. (CHIZIANE, 2002, p.131).

As rivais de Rami descobriram junto a ela, que Tony estava saindo com outra mulher, uma mulata chamada Eva. Ficaram revoltadas com o fato de aparecer mais uma no caminho delas e decidiram colocar Tony “contra a parede”, e o chamaram para um jantar em família. Nesse jantar, ele falou da importância de cada uma, e que as tinha por merecimento, e elas aproveitaram para dizer verdades para ele, já que estavam muito magoadas por ele estar se encontrando com uma mulata. Tony acha tudo um afronta e diz:

– Fiz-vos um grande favor, registrem isso. Dei-vos estatuto. Fiz de vocês mulheres descentes, será que não entendem? São menos cinco mulheres a vender o corpo e a mendigar amor pela estrada a fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade, graças a mim. Agora querem controlar-me. (CHIZIANE, 2002, p.141).

As mulheres, na cultura moçambicana descrita na diegese de *Niketché*, não eram nada sem um homem, nessa visão patriarcal e sexista, a mulher só obtém vantagens quando está casada, e depois de ser enfrentado, Tony avisa que vai se divorciar de Rami, e que tudo o que está acontecendo na vida dele é por irresponsabilidade dela, porque ela deu “muitas asas” a essas mulheres quando elas conseguiram ter o próprio dinheiro, e que por isso elas se sentem superiores. Isso, para ele – como para todo homem nessa cultura –, é um afronta.

– Por isso me afrontam, porque têm dinheiro. Por isso me abusam, porque têm negócios. Por isso me faltam o respeito, porque se sentem senhoras. Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho os dotes para grandes cantos. Pois saibam que o vosso destino é carcarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar uma minhoca e farelo de grão. Por mais poder que venham a ter, não passarão de uma raça cacarejante mendigando eternamente o abraço supremo de um galo como eu, para se afirmarem na vida. Vocês são morcegos na noite piando tristezas, e as vossas vozes eternos gemidos. (CHIZIANE, 2002, p.166/167).

Essa não é a visão somente de Tony a respeito das mulheres, ele é apenas mais um dos homens construídos por essa cultura; seu discurso é o discurso de toda a sociedade machista em relação às mulheres. E, quando sabem do divórcio, todas correm para falar com Rami. Julieta, que também é do sul como Rami, entra em desespero. Porque Tony nunca a amou, ela servia só para reprodução, ela nunca conheceu o amor dele, só enganos.

As outras três mulheres de Tony eram do norte. No norte, as mulheres ficavam com os homens porque recebiam amor, e tinham tudo o que queriam dele, porque usavam de suas artimanhas, magias, marcas no corpo para agradarem seus homens,

e principalmente conseguir tudo o que queriam. Rami não sabia nada disso. Ela foi *lobolada* e ensinada a costurar, cozinhar, tecer...

Em todo caso, independente das controvérsias sobre o papel do homem e da mulher na casa e na família, infere-se, a partir dos estudos de gênero, a necessidade de repensar a dominação masculina nas análises tradicionais dos estudos feministas, vista quase sempre, como algo universal, em que a mulher seria uma vítima incondicional do sistema patriarcal. (PACHECO,2013, p.296).

Tudo o que era ensinado às mulheres do sul eram para serem boas esposas e servis. Um amor platônico. E as mulheres no norte não. Elas possuíam ritos de iniciação que a faziam conhecer como prender seu homem, conheciam o seu corpo e as artimanhas do amor. Para as mulheres do norte, se os homens não a atendessem como merecia, elas trocavam de homem, não as importava ter vários filhos de homens diferentes. O que importava era que eles a obedecessem, eles fossem escravos de suas vontades. As do sul, eram totalmente submissas, respeitavam as leis da igreja. Rami estava suportando tudo isso para não perder Tony, e não valeu de nada. Ele quer se divorciar. Ela escuta algumas das artimanhas de suas rivais e mesmo assim já se sente cansada de “nadar, nadar e se afogar”. De tudo já fez por esse homem. E Saly, que é do norte, diz que Rami não é culpada, e explica:

Vocês do sul deixaram-se colonizar por essa gente da Europa e os seus padres que combatiam nossas práticas. Mas que valor tem esse beijo comparado com o que temos dentro de nós? Depois trouxeram a pornografia, essa estupidez só para enganar os incompetentes e entreter os tolos. (CHIZIANE, 2002, p.180).

A Mauá que também é do norte, fala que as mulheres do sul, não são amadas porque aprendem a se anular, são ensinadas a servir a seus homens e com isso não se conhecem. É como uma mulher que não se ama, que não se conhece, que não se toca e não sabe onde mora a felicidade, porque espera que a felicidade venha de seu homem.

O retrato de Moçambique hodierno constrói-se no feminino, no questionamento da tradição e da modernidade, mas, sobretudo, na diferença entre o norte e o sul. Essa diferença concentra-se na relação que as mulheres estabelecem com o homem. Mistifica-se o norte, glorificando-se o mistério que ainda rodeia as mulheres dessa parcela do território, metonimicamente representadas pelas macondes e macuas. (LOBO,2006, p.80).

A mulher do norte é mais moderna, porque se conhecem e sabem exigir dos homens e as do sul, tradicionais, servis e inseridas no mundo totalmente de submissão ao marido.

Já fizeste uma viagem para dentro de ti, Rami? Nunca, vê-se pela amargura que tens no rosto. O paraíso está dentro de nós, Rami. A felicidade está dentro de nós. Vocês, do sul, ainda não são mulheres, são crianças. Seres reprodutores apenas. Por isso os homens vos abandonam a torto e a direito. A vossa vida a dois não tem encantos. Por isso, mal declararam a independência gritaram: abaixo os ritos de iniciação. O que julgavam que faziam? (CHIZIANE, 2002, p.179).

Todas as falas das mulheres levam Rami a se questionar, a sofrer, e ela começa a refletir que poderia ter sido diferente se não tivesse sido educada no sul. Ou, a entender porque os rituais de iniciação foram mantidos em segredo.

Dói-me esta revelação. O meu marido é sugado por mulheres-anfíbios. Mulheres com escamas. Mulheres lulas. Mulheres polvos. Elas vêm do mar e habitam a terra, meu Deus, elas acabaram comigo, derrubaram o meu casamento. Venceram-me. Estou perdida. Agora compreendo por que é que os ritos de iniciação foram combatidos, mas, mantidos em segredo, sobreviveram durante séculos como sociedades secretas. Homem que passa por essa escola sabe amar. Mulher que passa por essa escola encanta, enlouquece, vive, vibra. (CHIZIANE, 2002, p.181).

Essas mulheres-anfíbios de que Rami fala são as tatuagens que as mulheres do norte fazem nos ritos de iniciação para dar mais prazer aos homens e que os deixam loucos a ponto de se tornarem escravos deste prazer. As rivais de Rami sugerem que ela faça algumas dessas tatuagens, para não perder seu marido. Mas ela está cansada dessa luta. Ela desiste de lutar por ele, já não quer mais saber. Suas rivais, agora amigas, pedem para ela não desistir, mas Rami não quer mais. Elas ficam sentindo-se mal porque são a causa do sofrimento de Rami, mas ela diz: “– Se não fossem vocês a derrubar-me, seriam outras. A vida das mulheres é um ciclo do inferno” (CHIZIANE, 2002, p. 183).

E Rami parte em busca de se descobrir, se senta num banco da esquina e começa a ouvir diversas vozes femininas, cada uma com sua história, tristes e felizes, que a leva a concluir algo sobre si mesma que a deixa leve. Ela está se redescobrendo como mulher. “Como sujeito de fala, desfiam facetas de suas emoções para, com elas, compor histórias suas e de outras mulheres, de seus entornos culturais – embates historicamente marcados pela dor, mas também por alegrias.” (SILVA, 2006, p.341).

Rami começa a perceber seu lugar no mundo, se enxerga diferente, passa a sentir seu valor, força, e se sente orgulhosa. “Hoje tenho orgulho de ser mulher. Só hoje é que aprendi que dentro de mim resides tu, que és o coração do mundo. Por que te ignorei todo tempo? Mas por que é que só hoje aprendi essa lição?” (CHIZIANE, 2002, p. 190). Ela começa a sentir esse amor por si mesma que antes não enxergava.

Rami começa a ver o mundo diferente ao amar-se, mesmo se separando do seu marido, e recebe o apoio de sua família. Ela se culpa por não ser atraente e sua mãe a pede para que se aceite como é, pois que seu corpo traz as marcas da sua vida. Mas há uma reviravolta para a protagonista que faz com que os rumos de sua vida sejam outros, ainda que pautados nos costumes e tradições: Rami recebe a notícia que ficou viúva. Tony supostamente teria morrido. Contudo, quando olha o corpo do defunto, ela percebe que não se trata do seu marido. E tenta avisar a sua sogra, mas esta mulher mais uma vez, não tem voz.

Aproximo-me da minha sogra e sussurro-lhe ao ouvido: mãe, este não é o Tony. Ela oferece-me um sorriso triste e responde-me entre lágrimas: pobre filha minha. É duro aceitar a realidade. É sempre assim, sempre foi, eu sei. Coragem, minha menina. A velha não me leva a sério. Banha-me com um olhar de ternura, abraça-me, afaga-me, afoga-me. Desespero. Ó gente cega, gente surda, gente parva! Será que não tenho o direito de ser ouvida pelo menos uma vez na vida? Estou cansada de ser mulher. De suportar cada capricho. Ser estrangeira na minha própria casa. Estou cansada de ser sombra. Silhueta. Já que não me querem ouvir, a vingança será meu silêncio. Não irei partilhar as minhas dúvidas. Vou deixar que este morto se enterre. (CHIZIANE, 2002, p.202).

Agora já com outra visão de si e do mundo, e mais experiente, de tanta dor e sofrimento, ela fica calada. Obedece todos os rituais, é tratada como um lixo, está no velório e sabe que não se trata de seu marido mas não pode, e agora não quer, falar. Raspam sua cabeça, passam poções e ferem sua pele, enquanto a julgam e a culpam pela morte de Tony. Tiram-lhe tudo.

O recurso a elementos caricaturais, criando situações absurdas ou constrangedoras para produzir não o riso, mas o efeito tragicômico de purificação, tais como o episódio do desaparecimento de Tony, em Paris com uma nova conquista, tido como morto e de todo aparato antropológico consequente (...)." (ROSÁRIO, 2010, p.147).

Ela recebe a visita de Eva, a mulata que era amiga de seu marido. Ela explica-lhe que ele não morreu, que está viajando com uma amante, e que ela mesma a deixou no aeroporto. Mas Rami responde que eles não a escutam. Nessa sociedade a mulher é silenciada.

– Não adianta. O Tony é chefe de polícia, bem sabes. Sugerí aos meus cunhados uma investigação e uma identificação mais séria. Invocaram a tradição e a religião e mandaram-me calar a boca. Querem fazer tudo à sua maneira. Olha só o que me fizeram. Tiro o lenço e mostro-lhe a minha cabeça raspada. (CHIZIANE, 2002, p.215).

Rami sofre no corpo os rituais da tradição, e não tem ninguém que esteja ou intervenha por ela. Ela é uma mercadoria, não tem valor e tem que ficar calada.

Penso na minha situação. Este é o preço de tantos anos de dedicação. Sou uma boa mulher. Fui sempre uma boa moça. As boas moças são as mais caçadas, casadas, guardadas em casa como um tesouro. Vivem num cofre sem luz nem ar, entre o amor e a submissão. As más moças são repudiadas e deixadas em liberdade. Voam para qualquer lugar que lhes dá na gana, como as borboletas. Emprestam à natureza o colorido das suas asas e respiram o ar puro dos campos entre o amor e a liberdade. Vida de mulher não tem meio-termo: tesouro e submissão, ou borboleta e liberdade. (CHIZIANE, 2002, p.217).

Todo esse ritual só fez reforçar o sentimento negativo de Rami em relação ao seu marido. Ela começa a se sentir aliviada em não tê-lo mais, como se estivesse matando esses últimos sentimentos que nutria pelo marido, depois de tantas desilusões.

O Tony acaba de morrer agora, no corpo deste estranho. Já não quero mais vê-lo, tudo morreu para mim. Ele destruiu tudo o que nele via e admirava. Não reconheceu as fronteiras da liberdade. Em nome do amor misturou prazeres e espinhos (CHIZIANE, 2002, p.217).

Agora ela só pensa em seu cunhado que vai ter que cumprir a tradição. Para ela não vai ser sacrifício ser purificada sexualmente pelo seu cunhado. Como ela pertence ao Tony, como dote, é herdada por um de seus cunhados para uma purificação sexual que ocorre após oito dias da morte de seu marido. Esse momento é muito esperado por Rami. Se fosse seguir a sua religião, que é a oficial de seu país e na qual foi educada, isso não aconteceria, mas como a família segue a tradição, ela terá que ter esse momento do Levy, seu cunhado.

Olho para Levy com olhos gulosos. Ele será meu purificador sexual, a decisão já foi tomada e ele acatou-a com prazer. Dentro de pouco tempo estarei nos seus braços(...). Serei viúva apenas por oito dias. Sou um pouco mais velha que ele, mas sinto que vai amar-me e muito, porque apesar desta idade e deste peso tenho muita doçura e muito charme. Daqui a oito dias vou-me despir. Dançar *niketche* só para ele, enquanto a esposa legítima morre de ciúmes lá fora(...)! Deus queira que o Tony só regresse a casa depois deste ato consumado. (CHIZIANE, 2002, p.220).

O ritual acontece e é muito agradável para Rami. Ela sente que vai ser amada pelo menos por alguns instantes. Rami já está tão cansada de tudo, da rejeição, das marcas no seu corpo, a falsa viuvez, que não quer outra coisa que não seja o Levy.

Ele dá-me um beijo pequeno. Um beijinho suave e incendeia-me toda com a sua chama. As suas mãos macias tocam o tambor da minha pele. Sou o teu tambor, Levy, toca na minha alma, toca. (...) Meu Deus, o paraíso está dentro do meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu me afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. (...) A terra é um lugar amargo e distante. Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem." (CHIZIANE, 2002, p.224).

Rami sente muito prazer com Levy, ela se sentiu amada novamente naquele instante mágico. Não demora muito deste ritual e Tony volta para casa. Descobre tudo o que aconteceu e Rami começa a sentir-se bem, porque está se vingando por tudo que passou com ela. E ela desfere palavras propositalmente para ferir esse homem que já lhe causou tantas dores.

– Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão. // Falo com muito prazer e ele sente a dor de marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci as minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo. (CHIZIANE, 2002, p.226).

Tony fica indignado com tudo que se passou com sua mulher. O estado deplorável que a encontra e todos os abusos por ela sofridos. Ele começa a pensar as injustiças que foram cometidas contra Rami.

Ele entra em delírio. Diz que não sabia que a vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achara que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas, mas só agora percebe a crueldade do sistema (CHIZIANE, 2002, p.228).

Ele começa a questionar a tradição: o quanto a sociedade é injusta com as mulheres. Para Tony, a sociedade estava em perfeito equilíbrio, até o momento deste ocorrido.

– Rami, eu morri assassinado pela tradição. Por isso assumo risco de desafiar o mundo dos homens. Acabo de provar que dentro da humanidade de vocês, mulheres, não são gente, são simples exiladas da vida, condenadas a viver nas margens do mundo. (CHIZIANE, 2002, p.228).

Rami já não é a mesma, a tradição também secou o seu amor por Tony, e a fez se enxergar a si mesma de outra maneira. Ela sentiu em seus lábios novamente o gosto do amor, nos braços do seu cunhado, e já não possui sentimento por Tony.

Antes era eu que pedia abraços. Ele negava. Agora sou eu quem recusa, esse nosso amor é doido, jogo de gato e rato. Consumi a vida inteira à procura deste instante, para tê-lo bem embalado nos meus braços. Ele está aqui na minha frente. Desprotegido. Maltratado. Carente. Já não o quero, nada mais me apetece, tudo morreu para mim. Ele não se conforma. Implora-me, segura-me, sacude-me e toma-me a força como um violador na floresta deserta. Resisto. (...). (CHIZIANE, 2002, p.228).

Ele pede perdão por tudo que a fez passar, mas Rami já não se importa, ela não quer mais esse homem, seu coração endureceu para ele. Ela gostou da purificação, ela queria e desejava aquilo.

Não foi doloroso, foi saboroso. Eu fui *tchingada*, mas fui amada no mesmo ato. O meu *tchingador* violou-me o corpo e deixou uma isca de carícia no meu

coração. Foi preciso o Tony ser dado como morto para eu descobrir que o amor tem outras cores e outros sabores. Eu rezei muito, eu rezei, para o Tony não regressar da morte, que de amores estou bem servida. (CHIZIANE, 2002, p.232).

Libertar-se desse amor que sentia por Tony a fez descobrir que ela podia se amar. Assim as coisas iam ser diferentes porque ela descobriu com todos esses acontecimentos que tem direito de ser feliz, que pode mudar seu mundo. Novamente falando com o espelho que sempre lhe revela as verdades.

Encostei o meu rosto no espelho e chorei perdidamente. Ganhei o controle de mim mesma e olhei de novo. A imagem do espelho sorri. Dança e voa com leveza de espuma. Levita como um jaguar correndo felino nas florestas do mundo. Era a minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior, correndo em liberdade nos caminhos do mundo. // Ganho coragem e pergunto. // - Espelho meu, o que pensas de mim?// - Sossega. Não há, neste mundo, mulher mais bela que tu." (CHIZIANE, 2002, p.246).

Rami tornou-se uma mulher diferente. Ela sabe que pode ser muito feliz porque se libertou das correntes das tradições. E aconselha Lu a se casar com Vito. Lu não quer porque viu o sofrimento que Rami passou, e passa, por ser a primeira mulher. Ela prefere ser a terceira, porque fica com o melhor e não pretende mudar isso. Rami admira a personalidade de Lu:

Começo a admirar esta mulher. A forma prática como ela resolve os problemas da vida. A sua sinceridade. A frontalidade. Ela não teme as bocas do mundo. É senhora de si e faz tudo o que lhe apetece. Resiste. Luta. Decide. Escolhe. E conquista da vida o seu pedaço de chão. Um chão estéril, mas o seu pedaço de chão. Ela sabe escolher a terra fértil onde germinará flor, perfumada e sem espinhos. E escolhe as mãos delicadas que a irão colher: as que agradam e as que cuidam (CHIZIANE, 2002, p.246).

Lu, por sua vez, reconhece a força de Rami, que transformou a vida delas para melhor. Sem ela, as outras mulheres não teriam progredido tanto.

– Há maravilhas nas coisas que construístes, Rami. O Tony, coletor de mulheres, e tu, coletora de almas amarguradas, coletora de sentimentos. Congregaste à tua volta mulheres amadas e desprezadas. És brava, Rami. Semeaste amor onde só o ódio reinava. Tu és uma fonte inesgotável de poder. Transformaste o mundo. O nosso mundo. (CHIZIANE, 2002, p.246).

Essa força dada por Rami fez com que suas rivais se sentissem de fato seres sociais, e não apenas objetos. Cada uma prosperou a ponto de que Tony já não era necessário, porque ele ainda estava preso às tradições e conseqüentemente tinha que ser servido, não era agradável com suas mulheres e elas já estavam em outras ocupações. Ele passou a ser um incômodo para elas, e de uma por uma foram se

afastando dele, não querendo mais estar submetidas ao seu jeito rude, essas mulheres começaram a sentir que não mereciam ser tratadas assim.

Para nós, mulheres, um marido não é leveza, é um fardo. O marido não é companheiro, é dono, é patrão. Não dá liberdade, prende. Não ajuda, dificulta. Não dá ternura, dá amargura. Dá uma colher de gosto e um oceano de desgosto. (CHIZIANE, 2002, p.262).

Saly não quis mais Tony em sua casa pois ele já estava lá há 15 dias e isso a atrapalhava com seus negócios. A Ju sente a mesma coisa, recebe-o, mas não vai aturar seus caprichos.

Ele está mais de quinze dias na minha casa e nunca sai e vocês nada reclamam. Não fizemos nós o pacto da partilha, semana aqui, semana ali? Eu também preciso de meu tempo. Quero cuidar dos meus negócios, ganhar dinheiro para criar este filho, e projetar meu futuro. Se nenhuma de vós o quer, eu juro, hei de enxotá-lo à pedrada. Não posso viver com ele eternamente. (CHIZIANE, 2002, p.262).

Para essas mulheres, agora conscientes, o marido, por não ser delicado como elas merecem, é um fardo pesado e que começa a atrapalhar o desenvolvimento delas.

– Calma, Saly – diz a Ju. – Hei de recebê-lo, mas aviso desde já. Cuidar dele tornou-se um fardo. Cozinhar para o almoço e jantar. Preparar a mesa, levantar a mesa. Suportar-lhe os caprichos a que vocês o habituaram é coisa que nunca mais irei fazer (CHIZIANE, 2002, p.262-263).

Mesmo que, inicialmente, não quisesse, Lu resolve se casar com seu amante, Vito, Tony fica apavorado por perder uma de suas mulheres, e Rami também sente lástima por ter perdido uma amiga.

Ela dava prazer ao meu Tony, mas dava amizade a mim. Já não terei por perto aquele sorriso, aquele riso. Ela era a fogueira do espírito onde eu acendia minha vela. Não mais terei aquele espelho onde se refletia a imagem daquilo que fui, do que não sou e nunca mais voltarei a ser. Dói-me a partida de Lu, mas é preciso saber perder e ganhar” (CHIZIANE, 2002, p.282).

Tony passa mal de tanto desgosto e é socorrido ao hospital. Chegando lá, Rami fala para o doutor o que aconteceu, e seu marido a repreende. Mas ela já não é a mesma mulher passiva, que tudo aceita, subserviente e que aguenta tudo e responde à altura.

– Doutor, suportei este homem a vida inteira. Se ele não quer que eu fale, então que morra! Abandonei o gabinete do médico em passos de vento. Só queria chegar à rua. Só queria apanhar ar puro. Só queria viver o meu pedaço de liberdade, muito longe das agruras dessa vida. Do meu passado ou de uma outra dimensão, escuto uma voz chamando por mim: Rami, volta aqui, Rami, não me deixes, não me deixes, Rami escuta-me, Rami, obedece-me, Ramiiii!” (CHIZIANE, 2002, p.285).

Rami se ajeita e vai ao casamento de Lu. Ela fica feliz em ver a felicidade dela e escuta de sua amiga: “Rami, é possível mudar o mundo. O mundo está dentro de nós.” (CHIZIANE, 2002, p.288). E Mauá completa:

– Rami, olha como é bela tua obra. O que seria de nós sem ti? Tu és a nossa mãe, contigo nascemos outra vez. Compreendeste o nosso sofrimento, a nossa pobreza. Adotaste-nos como filhas e melhorastes as nossas vidas – coloca a mão no meu ombro e me diz ao ouvido: - A próxima noiva sou eu, Rami, és a primeira a conhecer esse segredo. (CHIZIANE, 2002, p.289).

As mulheres se unem e agradecem a Rami, tudo que fizeram por ela e percebem que unidas podem conquistar muito mais sonhos, muito mais coisas, podem ultrapassar as barreiras da tradição. Elas conseguiram se desenvolver como pessoas, e são muito gratas à Rami por isso. Ela conseguiu que essas mulheres se sentissem valorizadas e descobrissem o seu papel naquela sociedade patriarcal, sem ser unicamente servir ao seu “macho”. As “fêmeas” se uniram para se tornarem mulheres realizadas.

Em seguida, adquirem ascendência sobre o marido comum com desespero do Tony, acabando cada uma por escolher o caminho que bem entendeu. Finalmente, o homem que pensava que tudo dominava e tinha nas mãos quantas mulheres quisesse, acaba humilhado e refugiado na casa da mãe. (ROSÁRIO, 2010, p.146).

Elas ficaram eternamente gratas à Rami por ter sido a mulher que orientou-as e transformou-as em seres sociais. Agora são sujeitos, respeitados, que têm voz na sociedade. “– As mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo, não é Rami?// – Sim – intervém Mauá sorridente -, com a força da Rami conseguimos mudar o curso do nosso destino. Obrigada, Rami.” (CHIZIANE, 2002, p.289).

E, assim, Tony perde uma a uma de suas outras mulheres, fala que até gostaria de falar que sente orgulho de Rami, mas não pode porque senão violaria a tradição.

O mundo patriarcal (do sul) vai-se desmoronando também ao ritmo da degradação de Tony. Aqui privilegia-se a paródia, o derrubar dos alicerces das convicções coletivas mais arraigadas, a dessacralização para instituir um entre-lugar que não seja nem a aceitação cômoda de uma tradição secular, nem a submissão aos ditames de uma modernidade asfíxiante e modelizadora. (LOBO,2006, p.80).

Tony termina só, triste, fracassado, porque a sua esposa, a primeira, pela qual estava disposto a ficar só com ela, agora está grávida do seu irmão Levy, tudo por causa das tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Nicketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, nos leva a refletir sobre a situação da mulher numa sociedade pautada no machismo, com a tradição do patriarcado que impõe o silenciamento à mulher. Não são levadas em consideração as vontades, as angústias e nem anseios da mulher porque seu papel é servir, ser reprodutor e “levar nas costas” toda a carga da sociedade.

Quando nos deparamos com os questionamentos de Rami, começamos a adentrar num mundo angustiante de solidão, de desesperança com o futuro e principalmente com marcas deixadas no corpo e na alma. Paulina Chiziane mostra uma protagonista que só queria ter seu marido por perto porque foi criada e educada para isso, casar, cuidar do marido e dos filhos e estar sempre no papel subserviente, sempre pronta e disposta para tudo que a sociedade exige dela como mulher.

Na diegese de *Nicketche*, a mulher só tem valor se tem um marido por perto, e Tony, seu marido, que também obedece às tradições, tem várias mulheres, vários filhos fora do seu casamento oficial e detém o poder, como provedor financeiro, como também lhe é exigido, mas é ausente. Tudo seria “perfeito” se Rami não começasse a questionar sua situação de tristeza de um amor marital que não existe. Só uma aparência de um homem bem colocado, como um grande comandante do exército, “bem casado” há mais de 20 anos e bem-sucedido em suas relações extraconjugais.

As feridas abertas lhe levaram a desenvolver o sentimento de sororidade para com as “outras mulheres” de seu marido. Apartir de então, essas mulheres tomaram consciência de que juntas elas poderiam mudar o quadro que viviam. Inicialmente na solidão, que era comum em todas a ausência dele, mas depois a independência financeira que as levaram a se enxergar diferente naquele meio que estavam. Juntas, e com a ajuda de Rami como a “cabeça do movimento”, se desenvolveram como provedoras de si, e já não sentiam a vontade de se submeter aos maus tratos que sofriam por parte de Tony. Porque juntas se apoiaram e curaram suas dores e passaram de um “objeto” para seres sociais, com vontades e independentes.

Chiziane, através das vozes de suas personagens femininas, mostra que ainda há muito para ser feito para que essas mulheres tenham voz na sociedade, porque ainda são objetos dentro da tradição cultural do país. Rami construiu uma unidade

entre as mulheres de Tony, essa unidade fez com que essas mulheres descobrissem seus potenciais e se desenvolvessem como pessoas com voz e, ao abrir esse universo para as outras mulheres, Rami também se liberta.

Esse romance mostra essa redenção. Chiziane deseja plantar, nem que seja uma semente de reflexão, nas questões de seu país. E que essa reflexão chegue a uma melhoria de condições e de evolução da mulher nessa cultura, ainda muito sofrida pelo patriarcado. As mulheres negras são as maiores vítimas. Elas precisam constantemente se reafirmar como sujeito social e lutar pela igualdade de direitos através de movimentos de conscientização, de protestos, e deve existir mais espaço de discussão na academia.

As mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo. As guerras para a conquista de um amor acabado consomem o nosso tempo e a nossa melhor energia. Ingenuamente, tentamos conquistar o mundo já conquistado pela terrível forma da destruição. (CHIZIANE, 2002, p.254).

Quando lemos um romance como esse, recebemos como um respiro de esperança, dentro de tantas lutas que as mulheres têm enfrentado e em especial as mulheres negras. É exigido da mulher um recato, um silêncio e quando isso não é obedecido é uma afronta, como aconteceu com Rami, que ela “sempre estava fazendo as coisas erradas” quando começou a desenvolver essas mulheres, e sempre foi acusada por Tony, por tudo que acontecia de ruim. Ela foi acusada pelo patriarcado por dar voz e direitos às mulheres.

E quando ela foi “desobediente” a esse patriarcado, obteve ganhos. Não só para si, mas para outras mulheres, e isso é importante de ser dito ficcionalmente, porque transfigura e nos faz pensar o real. Paulina Chiziane, através de Rami, planta uma semente de solidariedade e sororidade entre as mulheres que as levam a desenvolverem-se e buscar a felicidade como lhes convêm, e não com o que lhes é imposto. Podemos perceber uma grande contribuição no sentido que o lugar que a mulher deve ocupar é o que ela quiser e o que ela conquistar. Basta de inferioridade, silenciamento, e a luta ainda é grande, mas as vozes femininas não desistirão.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. 2 ed. Lisboa: Caminho, 2002.

LOBO, Almiro. Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada. In: Chaves, Rita; Macêdo, Tania, (Orgs.) **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

MAHIN, Revista literária. Entrevista **de Paulina Chiziane**. Disponível em: <https://www.editoramale.com/entrevista>. Ano 1, Número 1, maio 2019. Acesso em 30 de outubro de 2019.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post script um**. Trad. Eliane Zagury. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PORTAL GELEDÉS, **Sororidade**: o valor da aliança entre as mulheres. Publicado em 9 de março de 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sororidade-o-valor-da-alianca-entre-as-mulheres/>. Acesso em 24 de novembro de 2019.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique**: história, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulheres de Moçambique na revista Tempo**: o debate sobre o lobolo (casamento). Revista de História, 1, 2 (2009), p. 82-98. Disponível em: http://www.revistahistoria.ufba.br/2009_2/a06. Acesso em 24 de novembro de 2019.

SILVA, Florentina Souza. Vozes femininas do Atlântico negro. In: Chaves, Rita; Macêdo, Tania, (Orgs.) **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

UNICEF, **Casamento prematuro em Moçambique**. Disponível em: <https://www.unicef.org/mozambique/casamento-prematuro-em-moçambique>. Acesso em 24 de novembro de 2019.